*Classica*, e-ISSN 2176-6436, v. 39, 2026

# INVESTIGANDO OS SIGNIFICADOS DE VERBOS DENOMINAIS LATINOS E DE VERBOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Jonathan Cunha de Oliveira*
Isabella Lopes Pederneira**

* Doutorando em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
jonathan.cunha@letras.ufrj.br

** Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisador da FAPERJ - Jovem Cientista do Nosso Estado/2022-2026
isabellapederneira@letras.ufrj.br

Recebido em: 25/03/2026
Aceito em: 12/06/2026

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo disponibilizar uma análise contemporânea à luz da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997) para explicar por que alguns verbos do português brasileiro (PB) têm o mesmo significado do verbo denominal latino do qual vieram etimologicamente e por que outros não têm. Desta forma, trata-se de uma forma de estudo em duas fases de sincronia de línguas aparentadas. A hipótese é de que a manutenção ou a perda da base nominal (nome que originou o verbo denominal) no PB explica as semelhanças e diferenças nos significados. Ou seja, se a base nominal se mantiver na formação interna do verbo no português, o verbo terá um significado similar ao do verbo latino, já que, em ambos os casos, o significado será formado composicionalmente. Contudo, se a base nominal tiver sido perdida com o tempo e não se mantiver na formação interna dos verbos do português, a tendência é de que esses verbos tenham seus significados retornados à arbitrariedade, o que fará com que se tornem distintos dos significados dos verbos latinos.

**PALAVRAS-CHAVE:** etimologia e significados; formação de palavras; mudança linguística; morfologia distribuída.

## *AN INVESTIGATION INTO THE MEANINGS OF LATIN DENOMINAL VERBS AND BRAZILIAN PORTUGUESE VERBS WITHIN THE FRAMEWORK OF DISTRIBUTED MORPHOLOGY*

**ABSTRACT:** This study aims to provide a contemporary analysis, within the framework of Distributed Morphology (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997), to explain why some Brazilian Portuguese (BP)

CC BY

DOI: https://doi.org/10.24277/classica.v39.2026.1231

verbs retain the same meaning as the Latin denominal verbs from which they etymologically derive, whereas others do not. In this sense, the study examines two synchronic stages of related languages. The hypothesis is that the preservation or loss of the nominal base (the noun from which the denominal verb originated) in BP explains the similarities and differences in meaning. That is, if the nominal base is preserved in the internal structure of the Portuguese verb, the verb will have a meaning similar to that of the Latin denominal verb from which it derives, since in both cases the meaning is compositionally derived. However, if the nominal base has been lost over time and is no longer present in the internal structure of the Portuguese verb, its meaning tends to revert to arbitrariness, resulting in meanings that diverge from those of the corresponding Latin verbs.

**KEYWORDS:** etymology and meaning; word formation; language change; Distributed Morphology.

## 1. Introdução

Quando observamos a formação e construção do léxico da língua portuguesa, nota-se que o latim teve uma profunda influência em sua composição. A justificativa para isso se dá, principalmente, por conta de questões históricas, geográficas e políticas[1] que acabaram se transformando em dados etimológicos. Sobre essa relação entre o latim e o português, Bechara (2009) afirma que:

> A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões (Bechara, 2009, p. 1).

Apesar de essa transição ter sido mais motivada por fatores históricos e geopolíticos, questões puramente linguísticas são extremamente relevantes para que possamos pensar a língua portuguesa como essa continuação do latim. Neste sentido, a língua portuguesa faz parte de um grupo conhecido como línguas românicas, isto é, línguas que são provenientes do latim. Além do português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno são as outras principais línguas que fazem parte desse grupo (Posner; Sala, 2026, p. 1).

Essa influência do latim na formação da língua portuguesa não é uma informação inédita, afinal, trata-se de um fato amplamente conhecido e difundido. No entanto, há ainda poucos estudos que busquem, a partir de um olhar etimológico e com ferramentas de análise morfológica contemporânea, comparar e entender esse processo de formação de palavras do português a partir do latim. Este trabalho, então, pretende contribuir para preencher

[1] Para uma leitura aprofundada sobre como se deu a passagem do latim ao português, conferir o trabalho de Melo (2020) intitulado "A história externa da língua portuguesa: do Latim ao Português".

essa lacuna, analisando, em específico, as semelhanças e diferenças entre os significados dos verbos denominais latinos e de verbos do português brasileiro (PB) etimologicamente relacionados. O objetivo deste artigo é explicar sincronicamente por que alguns verbos do PB conservaram o significado do verbo denominal latino do qual vieram etimologicamente e por que outros mudaram seu significado.

Em relação à metodologia adotada neste trabalho, utilizamos o *Dicionário etimológico resumido*, de Antenor Nascentes (1966), e o *Novíssimo dicionário latino-português*, de F. R. dos Santos Saraiva (2006), para observar as relações etimológicas e selecionar os verbos. A escolha dos itens lexicais se baseou na seguinte relação: um verbo no português que veio etimologicamente de um verbo latino que, por sua vez, originou-se de um nome substantivo ou adjetivo latino. A relação-base para a seleção dos verbos fica mais clara a partir do esquema abaixo:

**QUADRO 1 –** Relação-base utilizada para a seleção dos dados

| **Base nominal latina** | **Verbo denominal latino** | **Verbo no português** |
|---|---|---|
| *bāsium*, *bāsiī* (*bāsi*) | *basiāre* | beijar |
| *mora*, *morae* | *morārī*[2] | morar |

Fonte: Elaboração própria.

Do ponto de vista etimológico latino, o nome *bāsium*, *bāsiī*, que significa "beijo", deu origem ao verbo latino *basiāre*, que significa "beijar", "dar um beijo" (Saraiva, 2006, p. 141). Por ter sido formado a partir de um nome, este verbo latino é entendido como um verbo denominal. Durante o longo processo de passagem do latim ao português, *basiāre* acabou dando origem ao verbo "beijar" (Nascentes, 1966, p. 94), com significado semelhante ao do verbo denominal latino. Sendo assim, o verbo "beijar" é um verbo do português que conserva o significado do verbo denominal latino do qual etimologicamente se originou.

O verbo "morar", por outro lado, veio etimologicamente do verbo latino *morārī* (Nascentes, 1966, p. 500).[3] Na etimologia latina, *morārī* foi formado a partir do nome latino *mora*, *morae* (Saraiva, 2006, p. 753), o que faz com que este verbo latino também seja entendido como um verbo denominal, já que se forma a partir de um nome. Em relação aos significados, no latim, *morārī* significa "tardar", "demorar-se", "estar remisso", "exercer suas funções lentamente", e *mora*, *morae* significa "dilação", "retardo", "demora", "tardança" (Saraiva, 2006, p. 753). Já no português, "morar" não conserva esse significado do verbo latino e passa a ter diversas acepções, como, por exemplo, "residir em (determinado local);

[2] Este verbo latino é depoente, isto é, ele se comporta sintaticamente como ativo, mas faz uso de morfologia idêntica à da voz passiva (Gonçalves; Armelin, 2018, p. 128).

[3] No dicionário, Nascentes (1966) postula que "morar" veio do verbo latino **morāre*. Porém, Saraiva (2006, p. 753) atesta que **morāre* é o mesmo que "morārī". Por isso, trataremos **morāre* e *morārī* como o mesmo verbo.

habitar, viver", "compartilhar moradia; viver com", "residir sob determinadas condições, em determinadas circunstâncias" (Houaiss, 2001).

Tanto "beijar" quanto "morar" são verbos do português que vieram etimologicamente de verbos denominais latinos. Todavia, "beijar" conservou o significado do verbo latino, enquanto "morar" passou a ter novos significados no português. Neste ponto, surge a pergunta que motivou esta investigação: por que isso ocorre? É possível fornecer alguma explicação formal para essas mudanças? É o que veremos neste artigo.

A fundamentação teórica adotada nesta pesquisa foi o modelo da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997), desenvolvida a partir da teoria da Gramática Gerativa (Chomsky, 1970). Basicamente, a Morfologia Distribuída postula três etapas para gerar um vocábulo e pressupõe a sintaxe tendo um papel ativo na formação e criação de palavras, o que nos fornece ferramentas mais precisas para a análise sincrônica da formação interna de vocábulos e de seus significados.

Na arquitetura deste modelo, a análise sincrônica do processo de formação de palavras ocorre por dois ciclos (Pederneira, 2010, p. 8): (i) a raiz se concatena a um categorizador e desta combinação emerge uma primeira palavra com significado arbitrário (e.g. *bāsium*); (ii) a palavra é formada a partir de uma nova categorização de uma raiz já categorizada e que já havia formado uma primeira palavra[4] (e.g. *basiāre*). Neste segundo ciclo, os significados serão construídos a partir do significado dessa primeira palavra. A formação interna dos verbos, então, tem impacto direto na formação de seus significados. Assim, os verbos formados a partir deste primeiro ciclo têm significados arbitrários, enquanto os formados a partir do segundo ciclo têm seu significado operando de forma composicional, sendo negociado com a base nominal presente em sua composição interna.

Neste artigo, serão analisados quatro verbos do português, dentre tantos outros, que respeitam essa relação mencionada, isto é, um verbo do português que veio etimologicamente de um verbo denominal latino. A ideia é investigar justamente por que alguns verbos do português conservam o significado do verbo latino do qual se originaram etimologicamente e por que outros simplesmente não conservam. A hipótese levantada para explicar isso é a de que os verbos do português brasileiro que perderam a base nominal em sua formação interna são mais suscetíveis a mudanças de significados e/ou a sua profunda ampliação. Isto ocorre, segundo essa hipótese, porque os verbos do PB deixarão de ter seu significado negociado com uma base nominal, como ocorria no verbo latino, e passarão a ter significados arbitrários. Por outro lado, os verbos do PB que mantiveram uma base nominal em sua formação interna (ou seja, substantivos ainda disponíveis em PB e relacionáveis aos verbos denominais) terão significados semelhantes aos dos verbos denominais latinos, já que, assim como os verbos do latim, continuarão negociando seu significado com ela.

[4] Neste trabalho, esta primeira palavra é o que chamaremos "base nominal".

## 2. Fundamentação teórica

### 2.1. A Teoria Gerativa e a Morfologia Distribuída

De certa forma, quando se pensa em Gramática Gerativa, se considera o processo de aquisição de linguagem. De fato, um dos pressupostos mais conhecidos dos estudos gerativistas é o do inatismo, que postula que toda criança nasce com uma predisposição biológica para desenvolver uma língua natural. Nessa perspectiva, a criança é exposta a dados linguísticos e, em sua mente, a gramática universal passará por mudanças e, através da parametrização dos dados primários aos quais a criança é exposta, emergirá a gramática particular de uma língua natural.

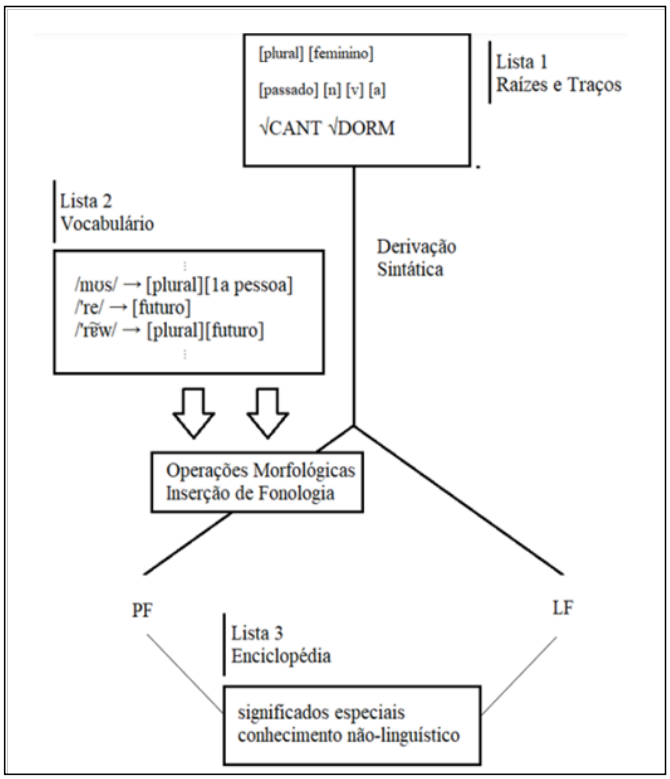
No entanto, é importante ressaltar que os estudos gerativistas não se resumem apenas a explicar como ocorre o processo de aquisição de linguagem e como é possível criar e gerar novas sentenças. Ao longo dos anos, esta teoria também abordou diversas outras questões, como a de tentar entender como ocorre o processo de mudança e formação de palavras de uma língua natural.

Uma das primeiras abordagens desenvolvidas para a discussão deste fenômeno a partir da teoria gerativa foi o Lexicalismo (Chomsky, 1970). De um modo geral, a hipótese lexicalista entende que há dois componentes gerativos distintos na gramática chamados de "léxico" e "sintaxe". Para essa abordagem, as palavras seriam formadas dentro do léxico, e a sintaxe seria responsável por formar as sentenças e sintagmas (Lazzarini-Cyrino, 2022, p. 33). Sendo assim, no Lexicalismo, uma palavra seria responsável por formar uma nova palavra e esta nova palavra já sairia do léxico com propriedades gramaticais bem definidas, como informações fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas. Para a sintaxe, caberia apenas gerar sentenças e sintagmas através da manipulação dessas palavras extraídas do léxico.

Com o surgimento de novos trabalhos e com o desenvolvimento de modelos construcionistas de gramática gerativa, passa a surgir um novo ponto de vista para discutir o processo de formação de palavras: a Morfologia Distribuída (MD) (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997). Sendo apresentada como uma espécie de contraponto à teoria lexicalista, a Morfologia Distribuída entende que a sintaxe tem uma participação ativa no processo de formar palavras. Ou seja, enquanto na hipótese lexicalista as palavras eram geradas no léxico e a sintaxe se limitava a apenas manusear palavras já prontas para formar sentenças, na MD, ela passaria a assumir um papel fundamental na formação e criação de uma palavra.

Neste sentido, no escopo da Morfologia Distribuída, não há mais um léxico em que a palavra está armazenada com operações específicas. Com isso, os elementos necessários para se formar uma palavra passam a ser distribuídos em três listas que podem ser esquematizadas e organizadas a partir do seguinte modelo proposto por Lazzarini-Cyrino (2022, p. 46):

**FIGURA 1** – Arquitetura da Morfologia Distribuída




Fonte: Lazzarini-Cyrino (2022).

A Lista 1 (Raízes e Traços na Fig. 1), como podemos observar, conta com traços morfossintáticos abstratos e fornece também raízes que serão utilizadas na formação de palavras. Este seria o ponto inicial para a criação de uma palavra. Na Lista 2 (Vocabulário na Fig. 1), são inseridos os itens de vocabulário e ocorre a inserção de material fonológico a esses traços morfossintáticos. Na Lista 3 (Enciclopédia na Fig. 1), a relação entre forma e significado será pareada e da primeira concatenação de uma peça categorizadora a uma raiz emergirá um significado arbitrário (Pederneira, 2010, p. 6). Após essa primeira concatenação, é possível que essa mesma raiz passe por novas categorizações. Neste contexto, o significado dessas novas concatenações será composicional, sendo resultado de um cálculo com o significado da primeira palavra formada e que compõe este verbo estruturalmente.

Em resumo, a hipótese lexicalista defendia a existência de dois componentes gerativos: o léxico, que formava as palavras, e a sintaxe, que formava sentenças e sintagmas. Na Morfologia Distribuída, o Léxico deixa de existir e esse modelo passa a ter apenas um único componente gerativo: a sintaxe (Lazzarini-Cyrino, 2022, p. 34). Neste trabalho, a fundamentação teórica utilizada será justamente a da MD. Este modelo foi escolhido

principalmente por, como destacado acima, partir do pressuposto de que a sintaxe é responsável não apenas por gerar sentenças e sintagmas, mas também por criar palavras. Esta abordagem torna possível olhar para dentro da palavra e analisar a sua formação interna, o que será fundamental para este trabalho, já que há uma relação entre a formação interna dos verbos e a construção dos seus significados.

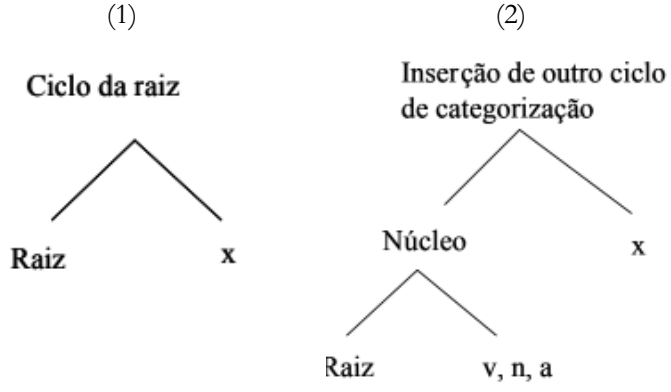
### 2.2. A Formação de Palavras na MD e seus significados

Nas palavras de Alexiadou e Iordăchioaia (2015, p. 1), a formação de palavras na MD segue três princípios básicos. O primeiro é que as línguas têm átomos indecomponíveis e sem significado chamados de "raízes" e será através delas que o processo de formação de palavras se iniciará. O segundo é que essas raízes se combinarão com peças funcionais e formarão construções maiores.

O terceiro princípio para as autoras é que as raízes são acategoriais, ou seja, as raízes, por si só, não são entendidas como verbo, nome ou adjetivo. Para que isso ocorra, é preciso que essas raízes se concatenem a categorizadores. Em outras palavras, apenas quando se concatena a raiz a um verbalizador (v) é que se forma um verbo. Do mesmo modo, para se formar um nome é preciso concatenar a raiz a um nominalizador (n). E um adjetivo é formado quando se concatena a raiz a um adjetivador (a). Caso não tenha ficado claro, verbalizador (v), nominalizador (n) e adjetivador (a) são os categorizadores que passam por todas as fases listadas da arquitetura da gramática.

Após a primeira concatenação de uma raiz a um categorizador, uma primeira palavra será formada e ela assumirá um significado idiossincrático. Depois dessa primeira categorização, é possível que essa mesma raiz passe por novas categorizações. Tentando ilustrar esses processos de formação de palavras, Pederneira (2010, p. 9), fundamentada em Marantz (2001), esquematiza dois ciclos para se formar uma palavra:

**FIGURA 2 –** Ciclos para se formar uma palavra

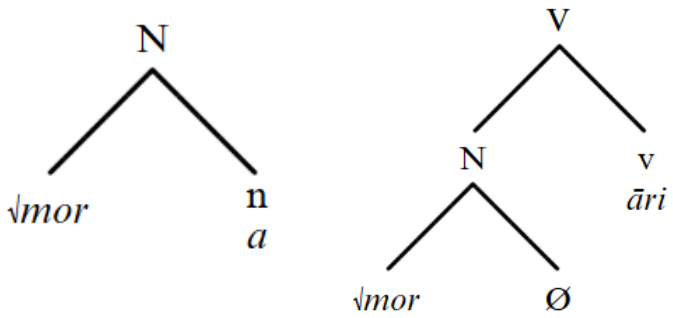



Fonte: Pederneira (2010).

No ciclo (1), a formação dá-se a partir de uma raiz se concatenando, pela primeira vez, a um categorizador, enquanto, no ciclo (2), a formação dá-se a partir de uma nova categorização de uma raiz anteriormente categorizada. Como destacado, neste primeiro ciclo, o significado da primeira palavra formada é arbitrário. Já no segundo ciclo, o significado passa a ser composicional, isto é, seu significado passa a ser um cálculo com o significado da primeira palavra formada pela raiz.

Para exemplificar esses ciclos de formação vistos acima, utilizemos novamente os verbos *morārī* e "morar", relacionados etimologicamente (Nascentes, 1966, p. 500). Como vimos, Saraiva (2006, p. 753) atesta que o verbo *morārī* formou-se a partir do nome *mora*, *morae*. Deste modo, olhando apenas para o latim, temos as árvores sintáticas deste nome e deste verbo da seguinte forma:

**FIGURA 3** – Árvores sintáticas de *mora* e *morārī*



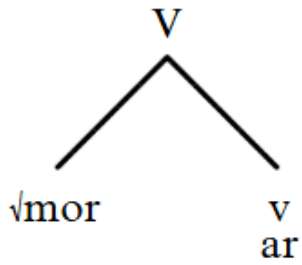

Fonte: Elaboração própria.

O que ocorre no latim, então, é que a raiz √mor havia se categorizado, primeiramente, a um nominalizador e formado o nome *mora*. Logo, como pode ser visto em (a), este nome latino tem um ciclo de formação do tipo (1). Isto faz com que esse nome assuma um significado arbitrário. Após a formação desse nome, essa raiz passou por um novo ciclo de formação. Desta vez, a raiz √mor, como ilustrado em (b), passa pela inserção de uma nova categorização com um verbalizador e forma *morārī*. Como o verbo latino formou-se a partir de uma raiz anteriormente categorizada a um nominalizador, o verbo conservará em sua formação interna a presença de um nó sintático nominal no domínio da raiz e carregará a presença de uma base nominal, que é justamente o *mora*, a primeira palavra formada pela raiz.

Ainda com olhar para a árvore sintática de *morārī*, é possível observar a presença de um "Ø" na estrutura interna do verbo latino. Este símbolo representa um nominalizador zero. Isto porque, como vimos, a raiz √mor categorizou-se primeiramente a um nominalizador e depois se categorizou com um verbalizador para formar o verbo latino. Entretanto, este nominalizador não é foneticamente realizado na construção de *morārī*, já que assumimos que este "ā" é parte do "ārī", e não um resquício do nominalizador "a". Logo, há esse símbolo "Ø" marcando que este categorizador nominal a qual a raiz havia se categorizado primeiramente tem realização fonológica nula na construção do verbo.

Em resumo, o verbo latino *morārī* tem uma formação interna complexa e conta com uma formação do ciclo (2). Por conta disso, o verbo tem significado composicional, sendo resultado de um cálculo com o significado da base nominal *mora*. Quando houve a passagem do latim para o português, essa base nominal acabou sendo perdida. Na próxima seção, ao longo da análise, apresentaremos hipóteses para justificar por que determinadas bases nominais são mantidas ou perdidas no português brasileiro. Contudo, neste momento, foquemos apenas na árvore sintática do verbo "morar" para ver como essa perda da base nominal impacta na formação interna desse verbo. Sendo assim, observemos a representação arbórea desse verbo do PB:

**FIGURA 4** – Árvore sintática de *morar*




Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, com a perda da base nominal que havia no verbo denominal latino, o verbo "morar" volta a ter uma formação a partir do ciclo (1). Ou seja, o verbo do português tem sua forma reanalisada[5] e passa a ser entendida com uma formação a partir de uma raiz que não havia ainda sido categorizada. Com isso, a raiz √mor se categoriza, pela primeira vez, com um verbalizador e forma, assim, o verbo "morar". Por conta dessa formação a partir do ciclo (1), o verbo passa a ter um significado arbitrário, diferentemente do verbo latino que, como vimos, tinha significado composicional. Com isso, temos os significados dos verbos *morārī* e "morar" distintos.

No latim, *mora* significa "dilação", "retardo", "demora", "tardança" e *morārī* significa "tardar", "demorar-se", "estar remisso", "exercer suas funções lentamente" (Saraiva, 2006, p. 753). O significado do verbo latino, como podemos observar, é composicional, sendo negociado com a base nominal que compõe esse verbo estruturalmente.

Por outro lado, "morar", no português brasileiro, possui outros significados em relação aos do verbo latino. De acordo com o *Dicionário etimológico resumido* (Nascentes, 1966), "morar" tem como principais acepções "residir em (determinado local); habitar, viver", "compartilhar moradia; viver com", "residir sob determinadas condições, em determinadas circunstâncias".

[5] Ou seja, o verbo "morar" deixa de ser analisado como estruturalmente semelhante ao verbo *morārī* e tem sua estrutura reinterpretada a partir de uma nova análise.

Como destacado, os significados não são semelhantes. O que pode explicar essa diferença nos significados é justamente a formação interna diferente que os verbos possuem com a presença – ou não – de uma base nominal. Assim, os verbos do PB que conservam o significado do verbo denominal latino possuem uma formação com um ciclo do tipo (2), conservando uma base nominal no domínio da raiz. Enquanto que verbos do português com significados diferentes possuem uma formação do ciclo (1), sem a presença de uma base nominal.

No latim, então, um verbo denominal forma-se a partir da inserção de uma nova categorização de uma raiz que já havia se categorizado e formado uma primeira palavra. Ou seja, a raiz se categoriza, primeiramente, com um nominalizador e forma um nome. Após isso, essa mesma raiz passa por uma nova categorização, sendo desta vez com um verbalizador, e forma o verbo latino. Como anteriormente a raiz já havia formado um nome, o verbo assumirá essa primeira palavra formada como sua base nominal e negociará seu significado com ela. No PB, os verbos que conservam essa formação acabam por manter o significado do verbo latino, já que continuarão negociando seu significado com uma base nominal, que passa a ser, no português, o nome/adjetivo que se originou etimologicamente da base nominal latina com as mesmas acepções dicionarizadas.

Por outro lado, os verbos do português brasileiro que não mantiveram o significado do verbo latino sofreram uma perda dessa base nominal e do nó sintático nominal em sua formação interna. Neste contexto, o que ocorre é que a forma, no PB, é reanalisada e passa a ser entendida com uma formação a partir de uma raiz que se concatena, pela primeira vez, com um verbalizador, como esquematizado em (1). Ao acontecer essa primeira concatenação, temos um significado idiossincrático, que em nada tem a ver com o significado do verbo latino. Com isso, o significado passa a ser arbitrário e não mais negociado com uma base nominal.

## 3. Análise de dados

Como destacado na introdução, a seleção de dados partiu em busca de verbos do português que tiveram origem em verbos denominais latinos. Além disso, os verbos selecionados são da 1ª conjugação. O objetivo disso seria padronizar a seleção e focar em uma única conjugação de verbos. Nesse sentido, trabalhar com os verbos da 1ª conjugação nos pareceu um caminho natural, já que é a conjugação que conta com um maior inventário de verbos denominais (Bertocci, 2017, p. 47; Faria, 1958, p. 241).

Escrito isso, eis os quatro verbos a serem analisados neste artigo:[6]

[6] Essa mesma análise poderia ser feita nos verbos *calculāre*-calcular, *stimulāre*-estimular, *follicāre*-folgar, *vāstare*-gastar, *publicāre*-publicar, *sollicitare*-solicitar. Porém, para garantir maior objetividade e aprofundamento da discussão, concentraremos nossa análise apenas nos quatro verbos apresentados na tabela.

**QUADRO 2** – Verbos analisados

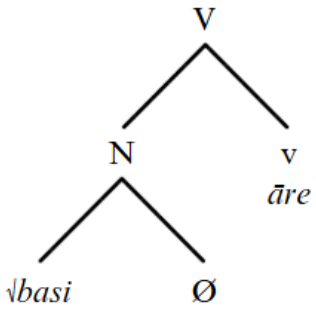
| Base nominal latina | Verbo denominal latino | Verbo no português |
|---|---|---|
| *bāsium*, *bāsiī* (*bāsi*) | *basiāre* | beijar |
| *caecus*, *caeca*, *caecum* (adj.) | *caecāre* | cegar |
| *pix*, *picis* | picāre | pegar |
| *tripālium*, *tripālii* | **tripaliāre*[7] | trabalhar |

Fonte: Elaboração própria.

**(1) BEIJAR**

Segundo o *Dicionário etimológico resumido* (Nascentes, 1966), o verbo "beijar" veio etimologicamente do verbo denominal latino *basiāre*, que, por sua vez, foi formado a partir do nome *bāsium*, *bāsiī*[8] (Saraiva, 2006, p. 141). No verbo latino, temos sua representação arbórea da seguinte forma:

**FIGURA 5** – Árvore sintática de *basiāre*




Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que, na árvore sintática deste verbo, há um nó sintático nominal presente no nó da raiz. Com isso, partimos do princípio de que este verbo latino é denominal e conta com uma formação interna complexa, sendo resultado da inserção de uma nova categorização de uma raiz anteriormente categorizada. Em outras palavras, antes da raiz √basi se concatenar a um verbalizador e formar o verbo *basiāre*, ela já havia se concatenado a um nominalizador, o que fez com que gerasse primeiro o nome *bāsium*, *bāsiī*, que passa a ser entendido como a base nominal desse verbo. O verbo latino *basiāre*, então, forma-se a partir de uma nova categorização de uma raiz que já havia se categorizado a um nominalizador. Por conta disso,

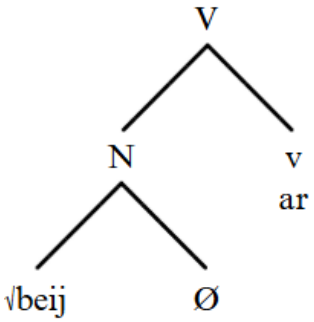
[7] Esse asterisco (*) antecedendo o verbo tripaliāre se dá porque essa forma não foi necessariamente atestada no latim e sua existência dá-se através de uma – muito bem aceita – hipótese baseada em evidência comparativa.

[8] Em todas as análises os nomes latinos serão apresentados no caso nominativo e genitivo, respectivamente.

ele manterá um nó sintático nominal em sua representação arbórea e negociará seu significado com essa base nominal oriunda dessa primeira concatenação da raiz com um nominalizador.

No português, assumimos que esta formação interna complexa se mantém. Ou seja, o verbo "beijar", em sua formação interna, mantém um nó sintático nominal em sua raiz. Logo, sua árvore sintática é semelhante ao do verbo latino, como pode ser visto abaixo:

**FIGURA 6** – Árvore sintática de *beijar*




Fonte: Elaboração própria.

Entendemos que essa manutenção de uma formação interna complexa ocorre por conta da base nominal latina se manter produtiva e existente no português brasileiro com o mesmo significado. No latim, *bāsium, bāsiī* significa "beijo" (Saraiva, 2006, p. 141) e no PB deu origem justamente ao nome "beijo" (Nascentes, 1966, p. 94). Como o nome latino deu origem a um nome do português com as mesmas acepções dicionarizadas, argumentamos que essa base nominal se manterá existente no português, o que acarretará a manutenção de um nó sintático nominal na raiz do verbo "beijar", como visto em (b).

Essa manutenção da base nominal e do nó sintático nominal na raiz, por consequência, também acaba impactando diretamente no significado dos verbos. No latim, *bāsium, bāsiī* significa "beijo" e *basiāre* significa "beijar", "dar um beijo" (Saraiva, 2006, p. 141). Nesta relação, portanto, observa-se que há um significado composicional, ou seja, o significado do verbo latino acaba sendo construído a partir do significado da base nominal. No português brasileiro, o verbo "beijar" é empregado em:[9]

[9] Para cada verbo no português apresentaremos sentenças coletadas da rede social "X", o antigo "Twitter", para exemplificar os significados com que esses verbos selecionados são utilizados no português.

1. "como eh q um feio projeto de nosferatu consegue **beijar** tanta mulher bonita[10]"
2. "Revendo espetacular homem aranha
DO NDA ELE SAI DO ESGOTO E VAI **BEIJAR** NA BOCA[11]"

A partir dessas sentenças, é possível destacar que o verbo no português mantém o mesmo significado do verbo latino. Defendemos que uma possível explicação para isso seja justamente a manutenção dessa base nominal na formação interna do verbo no português. Isso faz com que o significado de "beijar" permaneça composicional, já que continuará sendo formado e construído a partir do significado da base nominal, que passa a ser o nome "beijo".

É importante ressaltar que estas postulações seguem os princípios da Morfologia Distribuída. Nesse modelo, como vimos, a primeira concatenação entre uma raiz e um morfema categorizador é um estágio de extrema importância na derivação sintática do ponto de vista semântico, já que é nesta etapa da derivação que o significado da palavra é fixado (Pederneira, 2010, p. 6). Especificamente, será na Lista 3 da MD que as relações arbitrárias entre formas e significados serão pareadas. Ou seja, quando uma raiz se concatena pela primeira vez a um categorizador, um significado arbitrário emergirá.

Após essa primeira concatenação, é possível que outros categorizadores se concatenem à raiz. No entanto, os significados dessas novas concatenações não serão uma nova convenção, mas sim um cálculo com o significado da primeira concatenação. Assim, essa base nominal a que nos referimos na análise seria o resultado da primeira concatenação da raiz a um categorizador e assumiria um significado idiossincrático. Já os verbos latino e português, tidos com uma formação interna complexa, seriam oriundos de uma nova categorização e teriam seu significado operando de forma composicional.

Convergindo com esta visão, Pederneira (2010) reforça que:

> A ideia básica é que as palavras derivadas são interpretadas de maneira sistemática, com seus significados sucessivamente computados à medida que novos morfemas categorizadores vão sendo concatenados à palavra-base, aquela na qual o primeiro categorizador gramatical foi juntado à raiz, e cujo significado convencionalizado está armazenado na enciclopédia (Pederneira, 2010, p. 7).

O verbo "beijar" nos parece o perfeito exemplo para iniciar essa análise e demonstrar de que forma ela será realizada. A simples presença ou não da base nominal/adjetival pode ser um caminho para entender o porquê de os verbos do português brasileiro conservarem ou não o significado dos verbos denominais latinos dos quais vieram etimologicamente. Se a base nominal latina der origem a um nome no PB com o mesmo significado, a tendência é

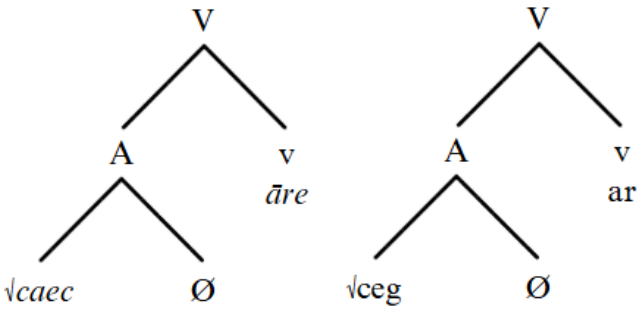
[10] Heloisa. **como eh q um feio projeto de nosferatu [...]**. 16 mai. 2025. X/Twitter: @summerlessyear. Disponível em: https://x.com/summerlessyear/status/1923509333494571037. Acesso em: 1 set. 2026.
[11] MARINHO, Arthur. **Revendo espetacular homem aranha [...]**. 28 dez. 2021. X/Twitter: @arthur_marinho_. Disponível em: https://x.com/arthur_marinho_/status/1475703927278604296?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

que ela se mantenha na formação interna do verbo no português e faça com que o significado deste verbo seja semelhante ao do verbo latino. Isto ocorre porque, em ambos os casos, o significado será negociado com a base nominal. Todavia, se a base nominal latina for perdida ou tiver assumido outros significados, os verbos do português terão seus significados voltando para a arbitrariedade.

**(2) Cegar**

O verbo "cegar", no português brasileiro, teve origem no verbo denominal[12] latino *caecāre* (Nascentes, 1966, p. 162). Já esse verbo latino veio do adjetivo *caecus, caeca, caecum* (Saraiva, 2006, p. 163). Tanto o verbo latino, quanto o verbo no PB apresentam uma formação interna complexa. Tal constatação surge por conta da presença de um nó sintático adjetival na raiz dos dois verbos, como podemos observar em suas representações arbóreas:

**FIGURA 7** – Árvores sintáticas de *caecāre* e *cegar*




Fonte: Elaboração própria.

Em (a) e (b), percebemos que os dois verbos são formados por meio da inserção de uma nova categorização a uma raiz já categorizada. Logo, ambos os verbos contam com um nó sintático adjetival e carregam uma base adjetival para negociar seu significado. A justificativa para a manutenção do nó sintático adjetival e da base adjetival no verbo do português segue a ideia de que o adjetivo latino deu origem a um adjetivo em português com as mesmas acepções: *caecus, caeca, caecum* deu origem, no PB, ao adjetivo "cego" (Nascentes, 1966, p. 162).

Em suma, no latim, a raiz √caec se categorizou, primeiramente, com um adjetivador e formou o adjetivo *caecus, caeca, caecum*, que funciona como a base adjetival do verbo latino. Após essa primeira concatenação, a raiz passou por um novo ciclo de categorização, sendo desta

[12] Neste artigo, trabalharemos apenas com a nomenclatura de verbos denominais, englobando neste grupo tanto os verbos formados a partir de um nome (substantivo), quanto os formados por um adjetivo. A diferenciação que faremos na análise será apenas nas nomenclaturas "base nominal" e "base adjetival". Assim, "base nominal" será utilizada para se referir ao nome que se encontra na formação interna do verbo e "base adjetival" para se referir ao adjetivo que compõe o verbo internamente.

vez com um verbalizador, e formou o verbo *caecāre*. Por conta de a raiz ter se concatenado, primeiramente, a um adjetivador, o verbo latino mantém um nó sintático adjetival em sua raiz e negocia o seu significado com essa base adjetival.

Especificamente sobre os significados, no latim, o adjetivo *caecus, caeca, caecum* significa "cego" (Saraiva, 2006, p. 164), "que não tem vista", e *caecāre* significa "cegar", "privar da vista" (Saraiva, 2006, p. 163). O significado do verbo latino é composicional, sendo proveniente de um cálculo com o significado do adjetivo latino. No português, por ainda carregar uma base adjetival em sua formação, "cegar" manterá o mesmo significado composicional, como as sentenças abaixo comprovam:

3. "essa luz tá muito forte tenho medo de **cegar**"[13]
4. "rapaz do jeito q eu sou curiosa já olhei foi umas 10x pra esse eclipse. é minino se for pra **cegar** já era"[14]

O verbo "cegar" manteve a presença de uma base adjetival em sua formação interna e, por isso, conservou o significado do verbo denominal latino do qual veio etimologicamente. Em outras palavras, no latim, o verbo se formou a partir do adjetivo *caecus, caeca, caecum* e o seu significado é decorrente de um cálculo com o significado desse adjetivo latino. Como o adjetivo latino deu origem ao adjetivo "cego" com a mesma acepção dicionarizada, postulamos que esse adjetivo do português se manterá presente na formação interna do verbo "cegar". Desse modo, o significado do verbo no português continuará sendo composicional e negociado com essa base adjetival, o que, consequentemente, causa uma semelhança com o significado do verbo latino.

### (3) Pegar

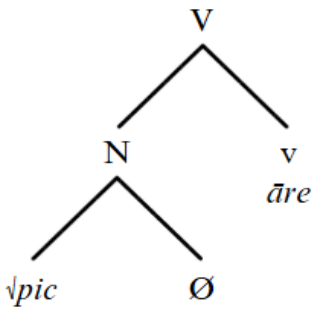
De um ponto de vista etimológico, o verbo "pegar" veio do verbo denominal latino *picāre* (Nascentes, 1966, p. 565), que, por sua vez, originou-se no nome *pix, picis* (Saraiva, 2006, p. 898). Especificamente sobre o verbo latino, destacamos que ele conta com uma estrutura interna complexa, apresentando um nó sintático nominal no nó da raiz, como podemos observar abaixo:

---

[13] yAN. **essa luz tá muito forte tenho medo de cegar**. 29 mar. 2025. X/Twitter: @victorlsyan. Disponível em: https://x.com/victorlsyan/status/1906021414970245354?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

[14] Mavis. **rapaz do jeito q eu sou curiosa [...]**. 14 out. 2023. X/Twitter: @pevbandeira. Disponível em: https://x.com/pevbandeira/status/1713274903158264155?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

**FIGURA 8** – Árvore sintática de *picāre*

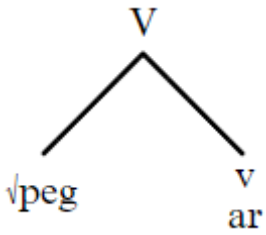



Fonte: Elaboração própria.

O verbo *picāre*, portanto, foi formado a partir da inserção de um novo ciclo de categorização a uma raiz anteriormente categorizada. A raiz √pic, primeiramente, havia se concatenado a um nominalizador e formado o nome *pix, picis*, que funcionará como a base nominal deste verbo. Após essa primeira concatenação, a raiz √pic foi categorizada novamente, mas desta vez com um verbalizador, e formou o verbo *picāre*. Por ter sido formado a partir de uma raiz anteriormente categorizada a um nominalizador, o verbo conservará em sua formação interna um nó sintático nominal no nó de sua raiz e terá seu significado negociado com essa base nominal *pix, picis*.

No português, entendemos que o verbo deixará de ter uma estrutura interna complexa. Ou seja, este nó sintático nominal no domínio da raiz e a base nominal serão perdidos, como ilustramos a partir da árvore sintática abaixo:

**FIGURA 9** – Árvore sintática de *pegar*




Fonte: Elaboração própria.

O argumento para justificar, sincronicamente, o porquê desta base nominal ter sido perdida baseia-se no que ocorreu com o nome latino durante a passagem do latim para o português. Isto porque o nome latino *pix, picis* deu origem ao nome "pez" (Nascentes, 1966, p. 578), que se trata de uma "substância pegajosa retirada do pinheiro". No entanto, este é um termo pouquíssimo conhecido e utilizado na língua portuguesa, o que nos leva a

crer que ele acabou sendo perdido e não se manteve mais como a base nominal do verbo "pegar" do português.

Assim como ocorre em "morar", essa não manutenção do nó sintático nominal e da base nominal fazem com que o verbo mude de significado e não seja mais semelhante ao do verbo latino de que veio etimologicamente. Com isso, no latim, *pix, picis* significa "pez", e *picāre* significa "untar, emboçar, tapar com pez" (Saraiva, 2006, p. 898). O significado do verbo latino é composicional, já que é construído a partir do significado da base nominal.

Por outro lado, no português, o verbo "pegar" ampliou seus significados e passou a ser utilizado de diversas formas. As sentenças abaixo destacam as acepções com as quais o verbo "pegar" é utilizado com mais recorrência:

5. "alegria de pobre é **pegar** ônibus vazio pela manhã[15]"

6. "Uma nova lei diz que o torcedor que xingar árbitro de futebol no estádio vai poder **pegar** até três anos de prisão. Vai faltar cadeia.[16]"

7. "como pode um macho feio desse conseguir **pegar** mulher bonita[17]"

8. "Da vontade de afiliar a um partido **pegar** o martelo e a foice e ir pra luta.[18]"

O verbo "pegar", portanto, perde a base nominal que existia no verbo latino, tem a sua forma reanalisada e passa a ser entendido com uma formação oriunda da primeira categorização de uma raiz. Ou seja, a raiz √peg é concatenada, pela primeira vez, a um verbalizador e desta relação novos significados arbitrários são gerados e assumidos, o que fará com que o verbo no português passe por uma ampliação e mudança no seu significado e deixe de conservar exatamente os mesmos significados que havia no verbo latino.

### (4) Trabalhar

A origem etimológica do verbo "trabalhar" requer um certo cuidado e atenção, assim como a sua análise. Em Nascentes (1966, p. 740), temos que o verbo "trabalhar" veio do verbo latino **tripaliāre*. Como destacado anteriormente, a presença de um "*" antecedendo este verbo se dá porque esta forma não foi necessariamente atestada no latim. A existência do verbo **tripaliāre* surge, então, como uma hipótese de filólogos baseada em uma evidência comparativa. O ponto fundamental que tornou muito bem aceita essa hipótese do **tripaliāre* ter existido no latim foi o fato deste verbo ter sido considerado um antecessor etimológico comum dos verbos de quase todas as línguas românicas que carregam o significado e a

[15] Tai. **alegria de pobre é pegar ônibus vazio pela manhã**. 20 nov. 2024. X/Twitter: @Taina_Castr. Disponível em: https://x.com/Taina_Castr/status/1862445898598371546?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

[16] GUIMARÃES, Dudu. **Uma nova lei diz que o torcedor [...]**. 10 jul. 2010. X/Twitter: @Dudu. Disponível em: https://x.com/Dudu/status/18228993253?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

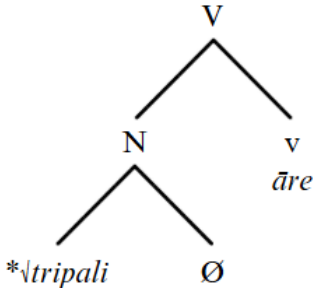
[17] Milly. **como pode um macho feio** [...]. 18 mai. 2025. X/Twitter: @Millyolivx. Disponível em: https://x.com/Millyolivx/status/1924107891033682091?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

[18] SANTOS, Vinicius. **Da vontade de afiliar a um partido [...]**. 19 jul. 2025. X/Twitter: @Vinn3_. Disponível em: https://x.com/Vinn3_/status/1946624158877757806?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

noção de "trabalhar". Ou seja, *travailler*, no francês, *trabajar*, no espanhol, e "trabalhar", no português, vieram etimologicamente de **tripaliāre*.[19]

Olhando especificamente para o **tripaliāre*, temos que sua formação se deu a partir do nome *tripālium, tripālii*. Este verbo teria, portanto, uma formação interna complexa, com a presença de um nó sintático nominal em sua raiz e ainda carregaria a presença de uma base nominal em sua composição. Deste modo, a árvore sintática deste verbo seria da seguinte forma:

**FIGURA 10** – Árvore sintática de **tripaliāre*




Fonte: Elaboração própria.

A raiz √tripali havia se categorizado, primeiramente, a um nominalizador e formado o nome *tripālium, tripālii*. Posteriormente, essa mesma raiz categorizou-se novamente, sendo desta vez com um verbalizador, e formou – hipoteticamente – o verbo latino **tripaliāre*. Como este verbo foi formado a partir de uma nova categorização de uma raiz que já havia se categorizado e formado um nome, ele manterá um nó sintático nominal em sua raiz e negociará seu significado com a base nominal *tripālium, tripālii*.

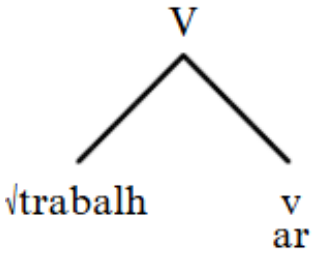
No português brasileiro, assumimos que essa base nominal foi perdida, uma vez que o nome latino *tripālium, tripālii* não chegou a dar origem a nenhum nome.[20] Aqui cabe um esclarecimento: é comum estipularem que *tripālium, tripālii* deu origem ao nome "trabalho". No entanto, Nascentes (1966, p. 740), e outros dicionários do português como Houaiss (2001), atestam que "trabalho" no português do Brasil veio do verbo "trabalhar". Ou seja, *tripālium, tripālii* e "trabalho" não compartilham uma relação etimológica direta.

[19] No romeno, "a lucra" significa "trabalhar", e há duas hipóteses para sua origem etimológica. A primeira é de que veio do verbo latino *lucubrāre*, e a segunda é de que veio de *lucrāre* (Paliga, 2024, p. 665). Já no italiano, "trabalhar" é *lavorare* e veio do verbo latino *labōrāre* (Pianigiani, 1907, p. 744). Como nota-se, "trabalhar" no romeno e no italiano não possuem relação etimológica com **tripaliāre*. Por isso, destacamos apenas os verbos do francês, do espanhol e do português.

[20] Alguns poucos dicionários on-line alegam a existência do nome "tripálio" no português. Contudo, nos dicionários que estamos utilizando neste trabalho – e em muitos outros que procuramos – não encontramos nenhuma menção quanto à existência desse nome na língua portuguesa. Por isso, entendemos que ele foi perdido.

O nome *tripālium, tripālii*, portanto, foi perdido durante a passagem do latim para o português. Neste momento, é possível que tenha surgido a curiosidade de saber o que, de fato, é um *tripālium*. De acordo com Nascentes (1966, p. 740), "*tripalium* era um instrumento de tortura, composto de três paus, destinado a sujeitar bois e cavalos que não se deixavam ferrar". Esse instrumento foi desenvolvido e criado pelos romanos e era muito comum naquela época para torturar escravos e para imobilizar animais. No entanto, com o passar do tempo, esse instrumento deixou de existir, assim como o próprio nome *tripālium*. Por conta disso, a árvore sintática do verbo "trabalhar" será diferente da árvore sintática do verbo latino, porque ela não terá mais um nó sintático nominal marcando a existência de uma base nominal. Logo, a representação arbórea do verbo "trabalhar" passa a ser assim:

**FIGURA 11** – Árvore sintática de *trabalhar*




Fonte: Elaboração própria.

O verbo no português não é mais formado a partir de uma nova categorização de uma raiz já categorizada. Como podemos ver em (b), o verbo "trabalhar" tem sua forma reanalisada e passa a ser formado a partir da raiz √trabalh se concatenando, pela primeira vez, a um verbalizador e formando o verbo "trabalhar". Essas diferenças na formação interna dos verbos acabam causando uma diferença nos significados em cada sincronia.

No latim, *tripālium, tripālii* é esse instrumento de tortura romano mencionado e **tripaliāre* significa "martirizar com o *tripalium*" (Nascentes, 1966, p. 740). O significado do verbo latino é composicional, já que é construído e negociado com o significado do nome latino que compõe este verbo estruturalmente. Já no português, as sentenças abaixo revelam o significado que o verbo "trabalhar" assumiu e demonstram a diferença com o significado do verbo latino:

9. "Tricolor sai de Aracaju sem ingresso para **trabalhar** como ambulante no Maracanã e ver título do Fluminense."[21]
10. "como **trabalhar** com público é estressante"[22]

[21] GE Fluminense. **Tricolor sai de Aracaju sem ingresso [...]**. 7 nov. 2023. X/Twitter: @ge_flu. Disponível em: https://x.com/ge_flu/status/1721905741966213391?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.
[22] Manuela. **como trabalhar com público é estressante**. 26 dez. 2025. X/Twitter: @ilvdll. Disponível em: https://x.com/ilvdll/status/2004588498020638757?s=20. Acesso em: 1 set. 2026.

Como se nota, "trabalhar" no português não carrega mais o significado de "martirizar com o *tripalium* como acontecia com **tripaliāre*. Isto ocorre, para nós, por conta de uma formação interna diferente da do verbo latino. No latim, o significado do verbo era negociado com a base nominal *tripālium, tripālii*. Como essa base nominal deixou de existir no português, o verbo "trabalhar" teve sua forma reanalisada e passou a ser formado por uma raiz que se categorizou, pela primeira vez, com um verbalizador. Isto fez com que o significado do verbo "trabalhar" voltasse para a arbitrariedade e passasse a ser diferente do significado de **tripaliāre*.

Diversos dicionários etimológicos do português buscaram justificar o que ocorreu ao longo dos anos para termos esses verbos com significados tão distintos. No entanto, apesar dessas tentativas, nunca se chegou a uma resposta definitiva e até hoje há diversos trabalhos, que fogem até mesmo do âmbito linguístico, que buscam discutir e entender por que há essa discrepância tão grande nos significados desses verbos. Neste sentido, esperamos que essa análise do verbo "trabalhar", ancorada no modelo da Morfologia Distribuída, traga mais uma visão e seja mais uma abordagem para tentar explicar o porquê dessa diferença entre os significados dos verbos **tripaliāre* e "trabalhar".

## 4. Considerações finais

Neste artigo, buscamos entender por que determinados verbos do português brasileiro têm o mesmo significado dos verbos denominais latinos a partir dos quais se originaram etimologicamente e por que outros mudaram e/ou ampliaram seu significado durante a passagem do latim para o português. Como vimos ao longo da análise, a presença ou a ausência de uma base nominal/adjetival na formação interna do verbo em português pode ser um caminho para essa explicação.

Os verbos do PB, então, que mantiveram o significado apresentavam uma manutenção da base nominal/adjetival e de um nó sintático nominal – ou adjetival – em sua raiz. Ou seja, nos casos em que a base nominal/adjetival latina deu origem no português brasileiro a uma palavra com os mesmos significados dicionarizados e que se manteve disponível aos falantes, o verbo no PB mantém essa base nominal/adjetival em sua formação interna. Esta manutenção faz com que o verbo tenha uma formação interna complexa e semelhante à do verbo latino, com a presença de um nó sintático nominal/adjetival na raiz do verbo. Isto fará com que esse verbo no português continue negociando seu significado com uma base nominal/adjetival, que passa a ser a palavra do português que se originou a partir da base nominal/adjetival latina. Os dois verbos, então, negociam e formam seu significado a partir de uma base nominal/adjetival. Por conta disso, seus significados são semelhantes, como visto em "beijar" e "cegar".

Por outro lado, os verbos do português brasileiro que sofreram mudança de significado tiveram uma perda dessa base nominal/adjetival. Isto ocorre por conta de a base nominal/adjetival latina ter se perdido no português, seja porque não deu origem a nenhuma palavra no PB ou porque deu origem a uma palavra pouco conhecida e utilizada no português. Neste caso, o verbo no português tem sua forma reanalisada e passa a ser

entendido com uma formação a partir de uma raiz que ainda não havia sido categorizada. Essa nova formação faz com que essa raiz se concatene, pela primeira vez, com um verbalizador e forme um verbo com significado arbitrário e não mais composicional. Isto fará com que o significado do verbo do português seja diferente do significado do verbo latino do qual veio etimologicamente, como observado em "pegar", "morar" e "trabalhar".

Evidentemente, é possível imaginar próximos passos para essa investigação. O principal, para a gente, é encontrar ainda mais sustentação para a hipótese assumida neste trabalho de que a semelhança ou a diferença nos significados dos verbos latinos e do português relacionados etimologicamente se dá pela manutenção ou ausência da base nominal/adjetival no verbo do português. Por conta disso, o olhar para outras línguas românicas pode nos trazer uma interessante visão quanto à importância e relevância da base nominal/adjetival na formação do significado na língua alvo.

Ou seja, se pegarmos verbos do espanhol, do francês, do italiano e do romeno que têm origem etimológica em verbos denominais latinos e compararmos seus significados, será que também teremos casos de verbos com os mesmos significados e verbos com significados diferentes? Caso tenhamos, será que a hipótese levantada neste trabalho é válida nessas outras línguas? Será que também teremos bases nominais/adjetivais sendo perdidas na formação interna dos verbos do espanhol, do francês, do italiano e do romeno? As respostas para essas questões nos parecem ser capazes de contribuir bastante para este artigo e para checar essa hipótese.

Por fim, esperamos que esse estudo tenha ilustrado como a linguística gerativa, em específico o modelo da Morfologia Distribuída, pode nos ajudar a explicar mudanças linguísticas. No recorte adotado neste trabalho, comparamos verbos do PB com verbos do latim e investigamos as semelhanças e diferenças de seus significados à luz da MD. A partir deste modelo de gramática, pudemos olhar para dentro das palavras e observar a formação e composição interna de cada uma, o que tornou possível formular uma explicação para essas semelhanças e diferenças nos significados dos verbos.

## Referências

ALEXIADOU, Artemis; IORDACHIOAIA, Gianina. Idiomaticity and compositionality in deverbal compounds. THE 8TH BRUSSELS CONFERENCE ON GENERATIVE LINGUISTICS: THE GRAMMAR OF IDIOMS (BCGL8), Bruxelas, 2015. *Proceedings* [...]. Disponível em: https://www.crissp.be/wp-content/uploads/2015/04/Iordachioaia.pdf. Acesso em: 23 fev. 2026.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTOCCI, Davide. Latin 1st class -ā- verbs as thematic formations: On the deficiency of IE roots. *Pallas: Revue d'études Antiques*, v. 103, p. 45-52, 2017. Disponível em: https://journals.openedition.org/pallas/4047?lang=en. DOI: https://doi.org/10.4000/pallas.4047

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (ed.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Ginn & Company, 1970, p. 184-221.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GONÇALVES, L. A.; ARMELIN, P. R. G. Verbos depoentes no latim: relação entre marcas morfológicas e estrutura argumental. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 61, p. 128-151, 2018. Disponível em: https://www.periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28181/19080. Acesso em: 23 fev. 2026. DOI: https://doi.org/10.9771/ell.v0i61.28181.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (ed.). *The view from Building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/. Acesso em: 21 fev. 2026.

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. Morfologia Distribuída: Origem e Motivações. *In*: ARMELIN, Paula Roberta Gabbai; BASSANI, Indaiá de Santana; SCHER, Ana Paula (ed.). *Manual de Morfologia Distribuída*. Campinas, SP: Editora da Abralin, 2022, p. 33-59.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *THE 27TH ANNUAL PENN LINGUISTICS COLLOQUIUM*: *UPENN WORKING PAPERS IN LINGUISTICS*, 1997, Filadélfia. *Proceedings* [...], v. 4, n. 2, 1997, p. 201-225.

MARANTZ, Alec. Words. *WCCFL XX Handout*, USC, 2001. Disponível em: http://users.uoa.gr/~wlechner/Marantz%20words.pdf. Acesso em: 23 fev. 2026.

MELO, P. A. G. de. História externa da língua portuguesa: do Latim ao Português. *DLCV – Língua, Linguística & Literatura*, v. 16, n. 1, p. 1-15, 2020.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

PALIGA, Sorin. *An Etymological Dictionary of the Romanian Language*. New York, USA: Peter Lang Publishing, 2024.

PEDERNEIRA, I. L. Etimologia e reanálise de palavras. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PIANIGIANI, Ottorino. *Vocabolario etimologico della lingua italiana di Ottorino Pianigiani*. Roma/Milano: Società Editrice Dante Alighieri di Albrighi, Segati, 1907.

POSNER, Rebecca; SALA, Marius. *Romance languages*. Encyclopedia Britannica, 3 fev. 2026. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/Romance-languages. Acesso em: 22 fev. 2026.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-português*. 12. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006.